

A marble sculpture by Antonio Canova depicting Cupid and Psyche. Cupid is shown from the chest up, with his wings and curly hair, holding Psyche's head. Psyche is shown from the waist up, with her arms around Cupid's chest. The sculpture is set against a light, textured background.

**Amor:** da psicanálise  
à literatura.

FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO.



**Amor e Psicanálise:**  
um diálogo entre a Clínica e a Literatura.

Tópicos especiais em Psicanálise:  
Literatura e Psicanálise, da pós-graduação em Psicanálise  
e Contemporaneidade da faculdade Pitágoras de Linhares/ES.

Aline Matos Peruch Rigoni

São Mateus  
2021

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 04

1. MÓDULO I - A EPISTEMOLOGIA DO AMOR 05

2. MÓDULO II - O AMOR PARA FREUD E LACAN 15

3. O AMOR EM FREUD 18

4. O AMOR EM LACAN 24

5. MÓDULO III - O AMOR EM MADAME BOVARY 32

6. REFERÊNCIAS 37

# APRESENTAÇÃO

O amor nos toca desde o momento que nos percebemos como gente. Ele é o enredo central na vida de muitas pessoas e sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, sendo o próprio Complexo de Édipo, conceito fundamental da psicanálise, um posicionamento diante da castração, subjetivando o modo como cada um vai amar. Assim, para a psicanálise, nossas primeiras relações amorosas determinam quem somos. Por isso, a busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento sempre passam por uma escolha feita pelo inconsciente. Para Freud (1914) o início da relação de amor é a experiência de uma criança que suga o seio da mãe, é a experiência de satisfação primordial. A partir daí cada encontro com um objeto é, na realidade, um reencontro de satisfação. No decorrer de toda a produção de Freud, o amor está presente nos diversos conceitos centrais da obra psicanalítica como Castração (Freud, 1905), Narcisismo (Freud, 1914), Pulsão (Freud, 1915), Complexo de Édipo (Freud, 1924), dentre outros. Assim também se dá na obra lacaniana. Desta feita, o amor, tanto na obra de Freud como na de Lacan, é multifacetado, ligado ao narcisismo (Freud, 1914; Lacan, 1949), à idealização (Freud, 1921; Lacan, 1953-1954), como um motor que constitui a civilização (Freud, 1930), como dom (Lacan, 1956-1957), suplência (Lacan, 1972-1973), à poesia (Lacan, 1976), dentre outros.

Assim sendo, desde os primórdios, o amor esteve na psicanálise, bem como, na filosofia e na literatura, portanto, o objetivo deste material é apresentar uma interpretação da psicanálise (Freud-Lacan) como uma experiência clínica no amor e na psicanálise. Essa proposta nos permite nos aproximar da psicanálise e da literatura, contribui com o debate sobre o estatuto da psicanálise como prática teórica e clínica e com as discussões sobre o amor no âmbito da filosofia, da literatura e da psicanálise, que pode ser compreendida a partir do livro *Madame Bovary*, dos textos de Freud e Lacan, bem como o *Banquete de Platão*, *Amor Líquido*, *Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos* de Zygmunt Bauman, *Elogio ao Amor* de Alain Badiou, entre outros.

# 1



MÓDULO I  
A EPISTEMOLOGIA DO  
**AMOR**

O **amor** nos toca desde o momento que nos percebemos como gente.

Ele é o enredo central na vida de muitas pessoas e sempre esteve presente nos estudos da Psicanálise, sendo o próprio Complexo de Édipo, conceito fundamental da psicanálise, um posicionamento diante da castração, subjetivando o modo como cada um vai amar.

Assim, para a psicanálise, nossas primeiras relações amorosas determinam quem somos.

Por isso, a busca por um objeto de amor, assim como o seu entendimento, sempre passam por uma escolha feita pelo inconsciente.



Édipo e a Esfinge, Jean Auguste Dominique Ingres; 1808

Módulo I: A Espistemologia do Amor.

# AMOR & FILOSOFIA

O desejo de saber o que é o amor esbarra com algo indizível. No entanto, falar de amor é o que vem sendo feito há séculos. Platão, em *O Banquete* (427-347 a.C.), discorre sobre Eros, sobre quem ele é e sobre a sua natureza. Assim, retrata o nascimento do amor através do mito do nascimento de Afrodite (beleza). Quando esta nasceu, houve um banquete entre os deuses; no banquete estava Poros (recurso) que embriagado adormeceu, Pênia (mendiga) carente de recursos teve a ideia de ter um filho com Poros. Deitou-se com ele e concebeu Eros (amor), portanto o amor é indigente como a mãe e corajoso, audacioso e firme, como o pai. Dessa forma, Eros carece de, por conta de sua mãe; contudo, por causa de seu pai, sente desejo por.

No *Banquete* de Platão estão reunidos alguns convidados para discursar sobre o Amor, o mais belo dos deuses; o anfitrião era Agatão e seus convidados, Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Sócrates e Alcebiades, que não discursa, mas faz uma declaração de amor a Sócrates. Platão apresenta os vários discursos antes do discurso final, o de Sócrates, que tem como base o relato de uma mulher, Diótima. No decorrer dos discursos do *Banquete* de Platão, cada filósofo reunido esclarece como o Amor dá razão à existência humana.

O primeiro a falar é Fedro, um discípulo sofista, professor de retórica. Para Fedro, Eros é um dos deuses mais antigos do Olimpo; é criado, não tem pai e nem mãe, e todo nascimento é em virtude de Eros, por isso tem um papel fundamental na vida humana, sendo que a bravura e a coragem estão entre as mais louváveis virtudes. Na sua concepção de amor, existe a figura do amante e do amado. Neste sentido, um ama e o outro se deixa amar; em uma situação amorosa para Fedro o amante precisa fazer de tudo para agradar o amado, acreditando que o mundo perfeito deveria ser constituído somente de amante e amado.

Pausânias é o segundo a discursar, também é sofista, inicia com uma forte crítica à Fedro; para ele há dois tipos de Eros; o Eros Celeste e o Eros Vulgar. Atender ao Eros vulgar é atender ao egoísmo da matéria e para atender o Eros celeste o homem precisa responder aos modelos perfeitos de justiça e de virtude. Além dessa concepção, Pausânias elogia a prática da pederastia, como um elemento de convenção social, cabendo ao amante ser insidioso com o amado e persistindo na sedução de sua alma; quanto ao amado deve ser resistente ao que é passageiro, ser apto a fugir dos apelos dos falsos amantes.

Erixímaco, o terceiro orador, é médico e apresenta o amor como uma harmonia, associando Eros à medicina. Apresenta dois Eros, Saúde e Doença um traz equilíbrio e harmonia e o outro traz desequilíbrio e ruína do corpo e da alma. Erixímaco faz um paralelo entre a medicina e a música, utiliza dos elementos semânticos da música para fazer uma analogia com a medicina; ele afirma que a harmonia resulta de elementos contrários como as notas que ditam o ritmo de uma música, tornando-a agradável. Só há amor se houver essa harmonia do corpo e da alma.

O quarto comensal a falar é Aristófanes, comediógrafo, profere seu discurso em linguagem poética; diz que antes de tudo era preciso conhecer a história da natureza humana e lançar mão de um mito para retratar. No princípio dos princípios havia três gêneros de seres humanos que eram duplos em si mesmo, andros, gynos



e andrógono. Estes seres eram autossuficientes e perfeitos, de uma força e de um grande vigor. Possuíam quatro mãos, quatro pés, dois órgãos de geração e uma cabeça, que comportava duas faces opostas; o sexo masculino descendia do Sol, o feminino, da Terra e o andrógino, da Lua, porque eram compostos dois. Com grande presunção, voltaram-se contra os deuses e estes, para torná-los mais fracos partiu-lhes em dois, jogando cada metade em uma parte do mundo, condenados a infelicidade eterna, incompletos, a partir de então a vida humana seria uma busca constante pela sua outra metade perdida.

Segundo Platão (2015) seria essa a explicação do amor que os homens sentem uns pelos outros, tentando recompor a antiga natureza de dois fazer um só, restaurando assim a antiga perfeição. Nesse sentido, o autor nos leva a pensar que o amor tem como base a falta. Interessante ressaltar que nessa linha de pensamento o personagem de Aristófanes justifica a homossexualidade tanto masculina quanto feminina, bem como a heterossexualidade.

Agatão, o quinto orador, é poeta e anfitrião do banquete. Inicia criticando o discurso de todos os outros, anteriores ao dele. Eros é jovem sempre jovem e uma prova disso é que ele se manifesta, principalmente entre os jovens; um ser tão poderoso que nos torna melhor, assim o homem ama o outro porque Eros está dentro dele mesmo, para ele é impossível darmos aos outros o que nós não temos. Para Agatão, Eros é possuidor de todas as virtudes e o mais belo de todos.

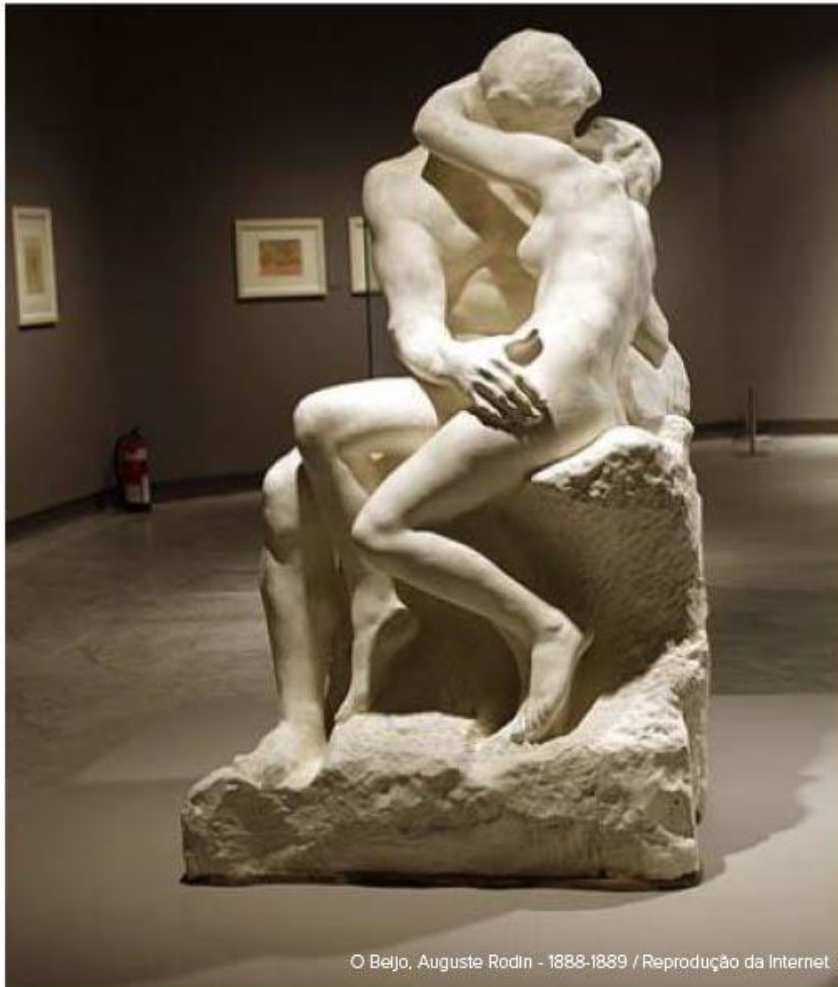
O sexto e último a discursar é Sócrates, ele refuta a ideia de Agatão e diz que o que aprendeu sobre Eros foi com a sacerdotisa Diotima. Baseado no que a sacerdotisa lhe ensina, Sócrates afirma que o amor é o desejo e a gente deseja o que não tem. Neste sentido, para Sócrates, só há amor na ausência e não na presença. Ele afirma que amor é o desejo de alguma coisa, mas só se deseja algo que não se possui. Para o pensador, o amor é uma busca, um processo. É dinâmico e nunca estático, o objeto do amor está ausente, mas é sempre solicitado.

Platão afirma que o amor evolui. Começamos a amar uma pessoa, depois várias até se chegar a um ponto mais puro e verdadeiro e Amor; o amor pela própria Beleza, nesse sentido o filósofo aproxima o amor e filosofia, sendo os dois uma busca pelo bom e belo.

Lacan (1960) em *A Transferência*, retorna ao Banquete de Platão ao falar de amor. Sócrates quando indagado sobre o amor diz não saber nada sobre o amor a não ser aquilo que escutou de uma mulher, e quem fala em seu lugar é Diotima. Lançando mão do seu método, a interrogação socrática, Sócrates questiona a Agatão se Eros deseja o que já se tem, ou deseja o que não tem. É amor de alguma coisa, amar e desejar algo é possuí-lo ou não o possuir e se é possível desejar o que já se tem.

Pode-se notar que Sócrates substitui o termo Eros (amor) pelo termo desejo. Quando acontece a substituição compreendemos que a ideia de falta é produzida no centro da questão do amor. Se o desejo está atrelado a falta e o termo vem substituir o amor, assim o amor somente poderá articular ao redor da falta.

O método socrático legitima a substituição, visto que a temática do discurso vai girar em torno de Eros (amor) e Eros (desejo). Com muita habilidade, Sócrates maneja o interlocutor com destreza levando-o a conclusão de que o objeto de desejo é algo que não está a sua disposição, é algo que não está presente, ou seja, é algo do qual ele está desprovido, que não é ele mesmo. Sócrates continua com seu jogo de significantes até que Agatão revela não saber mais o que foi dito. Para Sócrates, falar de amor ele deixa que a sacerdotisa Diotima fale (FERREIRA, 2017).



O Beijo, Auguste Rodin - 1888-1889 / Reprodução da Internet

Ao analisarmos o método socrático chegamos ao seu limite de sim ou não, presença ou ausência, como nos apontou Lacan, como próprio do método implica na lei do significante, ou seja, o que não é belo é feio, o que não é bom é irrefutavelmente mau.

Contudo a sacerdotisa vem quebrar esse padrão de Sócrates quando ela diz que nem tudo que não é belo é necessariamente feio.

A sacerdotisa Diotima ainda afirma que o amor pertence a outra zona, está entre a ciência e a ignorância, está entre o belo e o verdadeiro.

O amor está entre os deuses e os mortais, ele é um interprete, um mensageiro que leva aos deuses questões humanas, e traz para os homens, instruções

divinas; o amor é de natureza intermediária entre homens e deuses (FERREIRA, 2017).

Para Lacan (1960-61) a fórmula do amor é justamente dar o que não se tem, o amor gira em torno da falta. A ignorância aqui não se refere a falta de conhecimento, e sim a um conhecimento de que não se sabe, um conhecimento insabido. Se o amor atinge os deuses que pertencem ao campo do real, então o amor não poderia ser ignorância, atinge o real, e encontra aquilo que é. Na zona do amor o sujeito não reconhece a sua própria mensagem. Com a descoberta do inconsciente fundamentamos as mensagens no domínio do simbólico, e constatamos que a maioria das mensagens são nossas, e não advindas dos deuses. Assim entendemos o que vem do mundo dos deuses, "amamos no outro aquele vazio enigmático que nos constitui" (p.189), aquilo que supomos vir do outro como mensagem, como resposta ao nosso próprio desejo, é senão o nosso próprio desencontro com o nosso vazio (FERREIRA, 2017).

Podemos entender que o amor, Eros, atinge o real, pois, não recebemos nenhuma mensagem, o real não é simbolizado, Eros simplesmente se aproxima do que não pode ser representado, é simplesmente o que há, contudo no seu trajeto imaginamos ser possível simbolizar o impossível (LACAN, 1960-61). O autor continua afirmando que a mulher no irrepresentável, no verdadeiro, no real, ela recorre ao amor. Recorre ao imaginário onde não

pode ser simbolizada para assim dar sentido ao seu ser, entre o amor e a mulher há uma relação de afinidade, o amor e a mulher se valem de artifícios para tentar contornar, para dar finitude a algo que é infinito, para delimitar o que é impossível de ser delimitado, assim Lacan finaliza dizendo que "a mulher e o amor não passam de uma miragem, de um logro" (189).

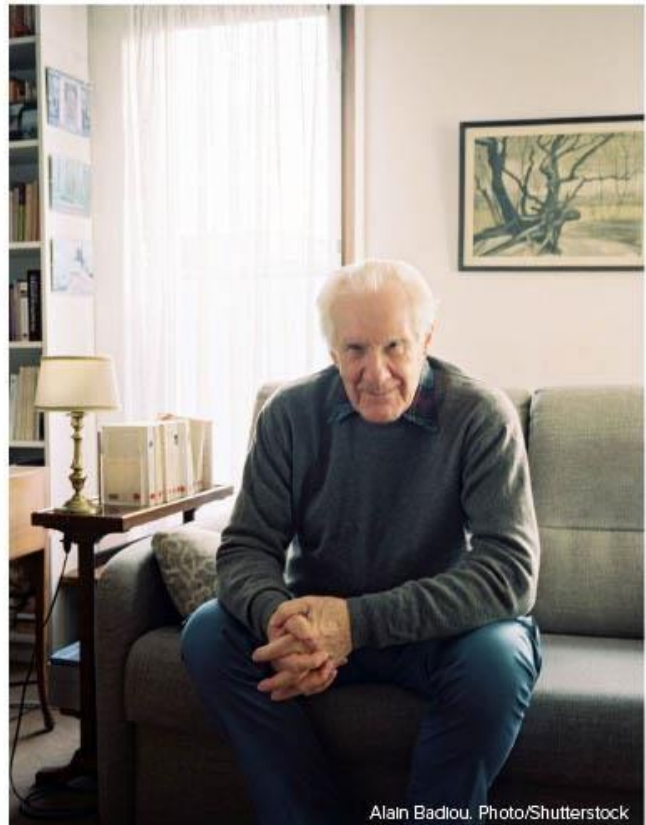
Assim sendo salientamos que mesmo Sócrates conhecendo as coisas referentes ao amor só poderia falar do campo ele não sabia. Ainda que saiba desta verdade, sempre irá falar do campo insabido, deve fazer falar alguém sem saber (FERREIRA, 2017).

Para Badiou (2013) em seu livro Elogio ao Amor, o amor é um processo de construção de verdade, a partir do engajamento existencial recíproco com seu sujeito/objeto de amor. O amor é um processo de construção que sempre se inicia pelo encontro de dois sujeitos com subjetividades infinitas, um evento metafísico de passar a olhar o mundo pelo prisma de Dois e não de apenas um. São incontáveis os exemplos literários que reproduzem o ponto de partida do encontro amoroso.

Um exemplo é retratado em Romeu e Julieta, amantes que pertencem à mundos inimigos entre si, que passam por intensas dualidades e radicais separações. Um combustível extremamente importante para que o encontro de duas diferenças desencadeie na construção do amor. Não é apenas o encontro de uma relação fechada entre dois indivíduos, mas a vida que se faz, uma cena de Dois. Platão afirma que há no impulso amoroso um gérmen universal, ele chama esse impulso de ideia. Quando se admira um corpo bonito, segue-se para ideia do Belo. Badiou (2013) comungava da mesma ideia de que na experiência do amor existe um valor universal e não pura singularidade do acaso, é possível experimentar o mundo a partir da diferença e não apenas da identidade. É uma confiança depositada ao acaso.

Porém, Badiou (2013) não se interessou apenas pelo instante do acontecimento amoroso, mas pela duração e qualidade dessa relação. Como o sujeito expressa sua linguagem, interiormente, quais as mudanças que acontecem nos sujeitos ao longo de seu relacionamento.

Percebe-se que o autor se aproxima do aforismo de Lacan (1975) que afirma que não existe relação sexual. Que na verdade no ato sexual cada um está preocupado com próprio gozo e que o gozo das pessoas envolvidas não é sentimento mutuamente compartilhado. O que há é a mediação do corpo do outro, mas, no fim das contas, o gozo é sempre solitário. O ato sexual não une, separa. O sujeito estar nu e colado ao outro é uma representação imaginária. A realidade é o gozo que vai conduzir o sujeito para muito longe do outro. O seu orgasmo é individual e intransferível. Nessa perspectiva, a realidade é narcisista, o vínculo é imaginário. Não



existe relação sexual e o amor surge no lugar dessa não relação. No amor o sujeito vai além dele mesmo, ele procura abordar o ser do outro. No encontro amoroso, o sujeito busca uma forma de fazer com que o outro exista junto com ele, assim como ele é (BADIOU, 2013).

Em função disso Badiou (2013) nos traz três concepções principais do amor. A primeira é o encontro romântico, focado no êxtase do encontro. Depois, o encontro de dois indivíduos em uma concepção jurídica onde o amor seria um contrato, onde juram amor e continuam atentos a igualdade na relação e, por fim, uma construção de verdade, onde inclui o desejo sexual com suas experiências, até mesmo o nascimento de um filho, e todas as outras coisas, pois se trata de viver uma experiência pelo prisma da diferença.



Zygmunt Bauman. Photo/Shutterstock

Na visão de Bauman (2004) o amor se tornou líquido.

A sociedade atual tomou seus relacionamentos descartáveis, as pessoas queixam-se de apaixonar-se e desapaixonar-se com uma tremenda facilidade, estão inclinadas a repetir suas experiências de vida que tendem a chamar de amor quase como uma condição recorrente.

A definição de amor como até que a morte nos separe entrou

em desuso. A vida acelerada que a maioria dos indivíduos leva contribui para fragilidade dos laços afetivos.

Os vínculos sociais desenvolvem-se com intensa velocidade e nossas ações mudam constantemente antes mesmo de consolidarem-se trazendo dor e angústia (BAUMAN, 2004). Contudo o sociólogo afirma que esse processo não é um desvio da civilização, mas um processo contido na própria modernidade.

Devido à grande oferta de experiências amorosas, pode-se surgir a convicção de que amar é uma habilidade que pode ser adquirida e dominada pela prática constante de apaixonar-se. Noites avulsas de sexo são carinhosamente chamadas de fazer amor. Foi criada a ilusão de que a próxima experiência será ainda mais estimulante e prazerosa e que a que está sendo vivenciada "jamais será tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois" (BAUMAN, 2004, p.10-11).

Contudo, Bauman (2004) ressalta que todo esse conhecimento é mera ilusão, consiste em uma série de eventos amorosos com episódios curtos, intensos e impactantes, trazendo à tona a sua própria fragilidade. Assim, as habilidades adquiridas são a de terminar rapidamente e começar do início, o que leva o autor a nos apontar que não temos mais o hábito de consertar ou reformar o que estragou, simplesmente descartamos. Seguindo esse raciocínio, Bauman (2004) afirma que modernidade líquida reflete insegurança e estimula desejos conflitantes, pois ao mesmo tempo que se busca estreitar laços há uma necessidade de mantê-los frouxos. Este conflito fica evidente quando vem à tona as crescentes estatísticas de casos de depressão e síndrome do pânico, relatadas em todo o mundo.

O sociólogo traz o exemplo de Soren Kierkegaard, o Don Giovanni de Mozart, guiado pela sua compulsão de sempre tentar novamente, e tentando evitar que as tentativas do presente jamais atrapalhassem uma do futuro. Don Giovanni era um impotente amoroso, pois sua compulsão em experimentar sempre a próxima frustraria o propósito de amar. A única habilidade possível de adquirir com tal prática é uma exercitada incapacidade de amar (BAUMAN, 2004).

Sendo assim, salientamos que em uma cultura consumista como a nossa o produto oferecido está pronto para uso imediato, para o prazer passageiro, satisfação instantânea. Os resultados não exigem esforços e as garantias de seguro total e devolução do dinheiro estão implícitas nos contratos imaginários. É prometido a arte de amar, mesmo sendo falsa e enganosa. A experiência amorosa que fascina e seduz com todas as características ansiadas, como desejo sem ansiedade, esforço sem cansaço e resultado sem esforço é vendida como se fosse assim tão fácil de ser conquistada. Desse modo, o pensamento de Bauman (2004), é de que para se ter amor é



Os Amantes, René Magritte - 1928 / Reprodução da Internet.

necessário se ingressar em terras inexploradas e não mapeadas e isso só é possível com quantidades enormes de humildade e coragem, nas palavras do autor "sem humildade e coragem não há amor" (p.18).

Neste caso, não é possível a busca por amor sem o Dois. Assim, podemos dizer que o amor é uma contraexperiência frente ao mundo de interesses próprios em que se vive e, segundo Badiou, o amor precisa ser defendido e reinventado dentro da própria experiência de mundo, pois é o que dá intensidade e significado à vida; isto pois:

**“O Amor é uma reinvenção da vida. Reinventar o amor significa reinventar a reinvenção.”**

Alain Badiou

## LEITURAS RECOMENDADAS

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KON, Noemi Moritz. *A viagem da literatura à psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PLATÃO. *O banquete*. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

SOUZA, Olga Maria. M. C. *A Psicanálise e as Letras*. In: MORAES, Alexandre. (Org.) *Modernidades e Pós-Modernidades: literatura em dois tempos*. UFES. Vitória. 2002.

## MATERIAL RECOMENDADO

Vídeo sobre o Discurso de Aristófanes:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Lyj-1xDicTU&t=178s>

## ATIVIDADES PROPOSTAS

- 1 - Leia o texto e participe da discussão sobre o conceito de amor para filosofia.
- 2 - O texto fornece três visões filosóficas do amor. Escolha um dos três e disserte sobre o pensamento do filósofo e sua estruturação sobre o amor.

## AVALIAÇÃO

A partir das atividades propostas, escreva um pequeno ensaio sobre o tema da relação amor, filosofia, psicanálise e literatura.

2



MÓDULO II  
O AMOR PARA  
**FREUD E LACAN**

# AMOR & PSICANÁLISE

O estudo da obra freudiana retrata inicialmente o amor como uma dimensão, ora se aproximando da ideia que comumente se tem de amor, ora estando ligada à sexualidade, sendo por vezes utilizado como sinônimo de libido e até mesmo de desejo. À medida que Freud avança em sua obra, o amor vai ganhando um estatuto de conceito na psicanálise, visto que ele tem diversos entendimentos ao longo da obra freudiana. Com Lacan, o amor também tem um importante lugar a ser estudado na psicanálise (KUSS, 2015).

As primeiras referências ao amor, na obra de Freud, se deram na relação entre hipnotizador e hipnotizado, devido à obediência e confiança que a hipnose exigia, características presentes nas relações amorosas. Mesmo a história da psicanálise nos aponta seu início a partir de uma história amorosa entre Anna O. e Breuer, testemunhada por Freud (KUSS, 2015). A psicanálise se dá pela via do amor, ainda que não recíproco (FREUD, 1915). Lacan (1972-73) em sua formulação sobre o SsS (Sujeito Suposto Saber) retrata que a transferência não se diferencia do amor. A transferência é um laço de amor, pois aquele a quem se suponho o saber, ama-se. Sendo assim a condição do tratamento; um amor que se dirige ao saber. Assim, para a psicanálise, o Amor é o motor da técnica psicanalítica: o amor de transferência. As tramas e as histórias do sujeito do inconsciente, dentro do consultório, também são para falar de Amor. Ao encontro disso, Lacan nos fala que "falar de amor, não se faz outra coisa no discurso analítico" (1972-1973).

Freud (1930) reflete o modo como o amor é central na constituição do sujeito, bem como a condição dos seus principais sofrimentos. Nasio (1997), diz no Livro da Dor e do Amor, "quanto mais se ama, mais se sofre" (p.26). Em *Mal Estar na Civilização*, Freud (1930) chama atenção para o fato de que o sofrimento afeta o ser humano de três formas: a partir do corpo, a partir das forças do mundo exterior e a partir das relações com outros seres humanos, sendo esta última, potencialmente, mais perigosa que as outras duas. Assim, o homem tenta encontrar meios, de se proteger dessas ameaças, sendo o amor a possível solução. Dessa forma, entendemos que para Freud, ama-se para evitar conflitos. Contudo, isso é uma ilusão de controle do sofrimento, já que ao amar, o homem fica à mercê desse sentimento. Por outro lado, sem o encontro com a alteridade, encontro sempre traumático, não haveria mundo humano.

Lacan (1960-61) diz que o amor é um acontecimento particular que ocorre a um sujeito frágil e que necessita do seu ser na convivência com o outro. Trata-se de um objeto imaginário, que vem ocupar o lugar do vazio da falta. Uma relação sine qua non leva o amante em direção ao amado, este espera do amado a possibilidade de recuperar a totalidade onde nada falta, supondo que ele tenha algo precioso que possa preencher o que lhe falta. O encontro numa parceria amorosa tem como consequência o encontro com o fantasma do outro, encarna-o na medida em que se apresenta como objeto que causa seu desejo. O amor necessita que esse objeto faltante seja encarnado numa pessoa.

Nasio (1997) nos exemplifica isso levando-nos a imaginar uma pessoa que nos seduz, que desperta e captura a força de nosso desejo, assim, o autor traz ao cenário um sujeito que se apega a essa pessoa e faz dela uma parte de si mesma. Metaforizando o autor reflete:



*(...) nós a recobrimos como uma hera recobre a pedra. Nós a envolvemos como uma multidão de imagens superpostas, cada uma delas carregada de amor, de ódio ou de angústia, e a fixamos inconscientemente através de uma multidão de representações simbólicas, cada uma delas ligada a um aspecto que nos marcou (p.39).*

O eleito deixa de ser apenas uma instância exterior, para viver como objeto dentro da fantasia do sujeito. E isso leva uma eterna insatisfação, pois o outro nunca vai responder desse lugar; nesse sentido o ser que mais amamos é o ser que mais nos insatisfaz. Na realidade do dia a dia, o outro é o amor, mas também a queixa. Existindo assim duplamente, um indivíduo vivo no mundo e uma representação fantasiada que regula o fluxo do desejo (NASIO, 1997).

Para Miller (2008) o amor permite imaginar que essa verdade será difícil de suportar. Amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, se alcançará a uma verdade sobre si e para isso é necessário reconhecer a falta que se tem na necessidade do outro. O autor cita Freud revelando que o mesmo chamou *Liebesbedingung*, a condição do amor, a causa do desejo, sendo um traço particular – ou um conjunto de traços – que tem para cada um uma função determinante na escolha amorosa. Isso é próprio de cada um e está relacionado com a história singular de cada um. Freud, por exemplo, assinalou como causa do desejo em um de seus pacientes um brilho de luz no nariz de uma mulher. A exemplo, Lacan traz, no romance de Goethe, a súbita paixão do jovem Werther por Charlotte, no momento em que a vê pela primeira vez, alimentando ao numeroso grupo de crianças que a rodeiam, fica apaixonado. Há aqui a qualidade maternal da mulher que desencadeia o amor.

Dessa forma, percebe-se que não há fórmula e nem um porquê para escolher x em vez de y, a parceria amorosa se dá por uma relação direta com o inconsciente e com as marcas que ali foram feitas em algum momento da vida do sujeito.

Lacan (1960-61) retrata em seu seminário sobre *A Transferência*, o amor como significante, ou seja, como metáfora, articulando como substituição. Sendo assim, o amante é o sujeito da falta e o objeto amado, o que produz a significação do amor. Essa proposta tem relação com o conceito de objeto a, uma vez que ao fazer uma identificação com essa fantasia o desejo se desloca para o sujeito com o desejo do Outro, nunca conseguindo alcançar este.

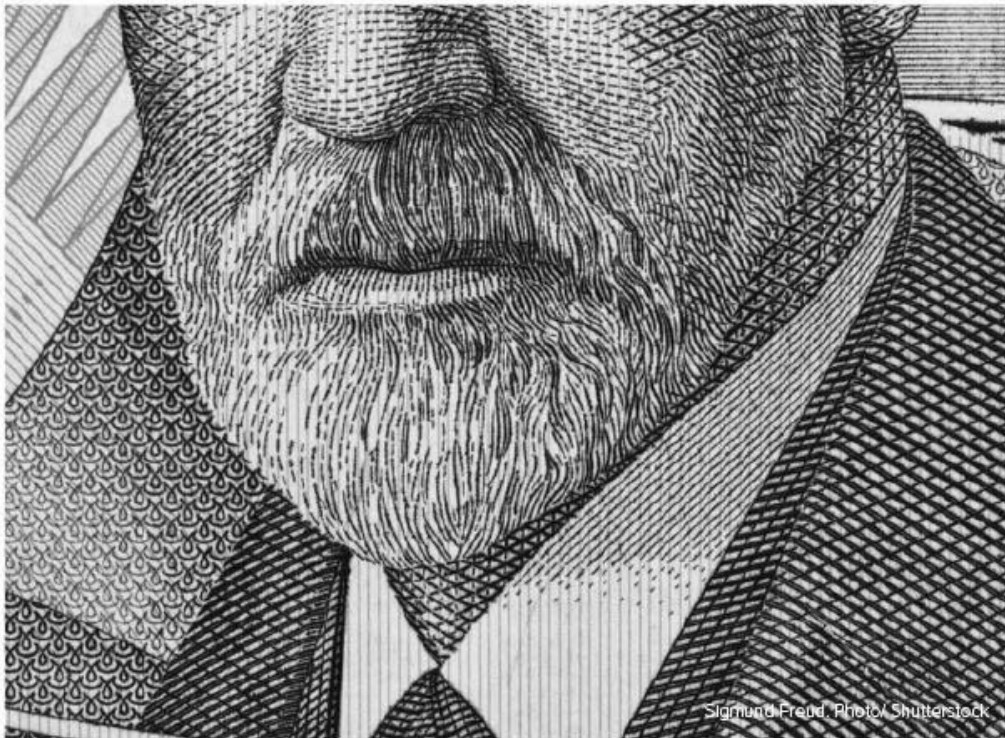
*Esta mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atçar é e estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atçar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas - então, o que aí se produz é o amor (Lacan, 1960-61, p. 59).*

Podemos entender que Lacan nos ensina que não há objeto de amor correspondido, por mais que o amante estenda a mão para pegar o fruto (seu objeto de amor), o que ele vai encontrar é o ser do amado, este também estende sua mão e assim acontece o encontro de dois amantes, o encontro de duas faltas. O amor se dá quando aquele sujeito corresponde a essa mensagem; embora sempre vá existir um mal-entendido no amor, pois nunca há encaixe para o neurótico.

3



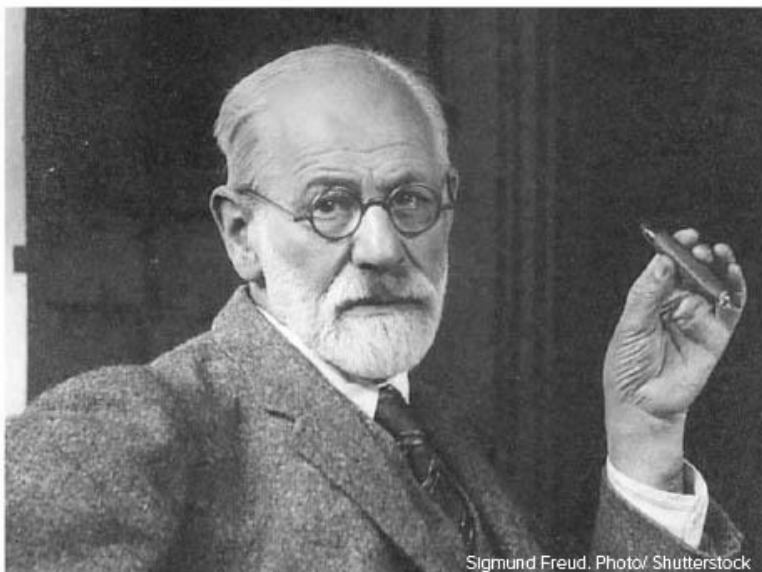
## O amor em Freud



Sigmund Freud. Photo/ Shutterstock

Para Freud a palavra amor tomou um valor de conceito, mesmo a palavra pertencendo à linguagem comum, pois ela se difere de paixão, de arrebatamento. Em seus estudos primários Freud toma o amor como uma dimensão, se aproximando a ideia de amor comum, ora fazendo ligação à sexualidade, usando até mesmo de sinônimo de libido e desejo. Pode-se afirmar que as primeiras referências ao amor, na obra freudiana, acontecem entre hipnotizado e hipnotizador, visto que para hipnose ocorrer é exigida uma grande confiança, aspecto presente nas relações amorosas (KUSS, 2014). As primeiras referências sobre o amor no texto freudiano, encontrando-se nos casos clínicos de histeria. Freud (1893) destaca que a histérica vai buscar o seu amor em fantasia.

A proibição amorosa é a causa do sintoma histérico que inscreve no corpo a marca de um desejo recalçado. Freud ainda relaciona o adoecimento psíquico histérico à interdição dos amores. No caso de Elisabeth Von R. e seu cunhado as representações de natureza erótica entram em conflito com a moral, pois elas estão centradas no cunhado durante a vida de sua irmã e mesmo depois da morte de sua irmã ainda era inaceitável estar atraída por esse homem proibido.



Sigmund Freud. Photo/ Shutterstock

Na neurose histérica o amor aparece como uma forte ânsia sexual, assim como sexualidade e amor encontram-se de forma indiferenciada nesse momento na obra freudiana, pois Freud coloca sexualidade como etiologia das neuroses. Para ele o amor continha todos os componentes do instinto sexual, e os sintomas nada mais eram que a procura de tratamento para as paixões reprimidas anteriormente e todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de liberdade para amor reprimido que não encontrou escoamento suficiente na conciliação de um sintoma (Freud, 1906).

Freud aponta que a realização de um desejo inconsciente se dá tanto pelo sintoma quanto pelo sonho, e diante de uma insatisfação amorosa a libido pode satisfazer-se de modo sintomático. Para construção da clínica da neurose, o amor é indispensável, visto que o adoecimento surge como consequência de uma insatisfação amorosa. Quando o objeto amado é perdido e não se encontra substituto para o seu lugar, toma-se neurótico (FREUD 1912).

Durante algum tempo Freud associou a frustração amorosa como um dos desencadeadores da neurose. Contudo é importante ressaltar que o significado que Freud deu a palavra amor como sinônimo de sexualidade não se manteve. A partir de seus estudos Freud entende que a satisfação se refere a pulsão sexual, a frustração associa-se a incapacidade da pulsão ser satisfeita apaziguando assim as tensões internas. É atribuído a cultura a causa das frustrações, os desejos libidinais do sujeito e o seu eu entraria em conflito e assim seria propício que a neurose se constituísse (KUSS, 2014).

O estudo freudiano de amor ressalta que o movimento amoroso aposta em uma unidade do objeto e o eu, se endereça ao (re) encontro com uma felicidade perdida, que se vincularia ao ideal de felicidade. Freud

articula um ideal narcísico entre o eu e o objeto, que é nomeado de narcisismo primário. Encontramos logo nas primeiras referências freudianas ao amor um destaque ao amor infantil, que vai determinar as escolhas amorosas na vida adulta. Para Freud o primeiro cuidador, que pode ser a mãe, torna-se o primeiro objeto de amor e esta primeira escolha de amor infantil está diretamente ligada a escolha de amor da puberdade (PAZ, 2009).

Em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, Freud (1905) discorre sobre o objeto que se perde na infância, e que, ao longo de toda a vida, o sujeito buscará o reencontro com esse objeto, esse objeto que foi perdido para sempre. A amamentação para a criança seria modelar para todos os relacionamentos amorosos. As primeiras experiências estão ligadas ao seio da mãe, esse seria o objeto perdido.

Kuss (2014), em sua leitura desse texto de Freud (1905) conclui que, assim sendo, no ser humano, a alimentação não está ao simples servir da necessidade fisiológica. Quando uma mãe alimenta um bebê, ela oferece mais que leite, o que fica também em oferta é o seio. Assim a mãe transmite algo do seu desejo, e é isso que o bebê recebe junto com o leite (KUSS, 2014). Ao dar o seio e alimento, a mãe dá algo que alimenta o psíquico, e que se liga ao sexual. A mãe erotiza o corpo infantil (LOPES, 2009).

Em Freud (1905), durante todo o período de latência a criança aprende a amar outras pessoas que satisfazem suas necessidades e auxiliam em seu desamparo. Podemos concluir que essa amamentação é mais do que uma satisfação das necessidades primárias da criança, não é somente a satisfação fisiológica, pois o humano é um ser de pulsões.

O amor estaria condicionado a uma dependência, uma dependência primária que o sujeito tem em relação as pessoas. A criança fica angustiada quando seus desejos não são atendidos, com sua libido insatisfeita e o adulto sente medo quando está sozinho, sem uma pessoa a qual ele possa amar. A sensação de desamparo na infância remete a uma dependência exata da angústia da perda de um amor quando adulto (KUSS, 2014). Infere-se, então, que a criança aprende a amar a partir de suas primeiras ligações amorosas. No princípio, essas ligações são calcadas no biológico – desamparo e necessidade, posteriormente, com a introdução à linguagem isso se transformará em desejo.

Em Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, Freud (1914) relata que há dois tipos de narcisismo, o narcisismo primário e o narcisismo secundário. Durante a fase inicial do desenvolvimento infantil a criança obtém prazer em estimular partes do seu corpo, não se compreende um corpo como uma unidade em separado. Sente prazer em sugar o seio da mãe e o compreende como uma extensão de si mesma. Ao compreender seu corpo como uma unidade, a criança passa a investir libidinalmente nela própria, sendo incentivada pelos pais que atendem às suas necessidades prontamente. Ocorrendo o que Freud chamou de narcisismo primário.

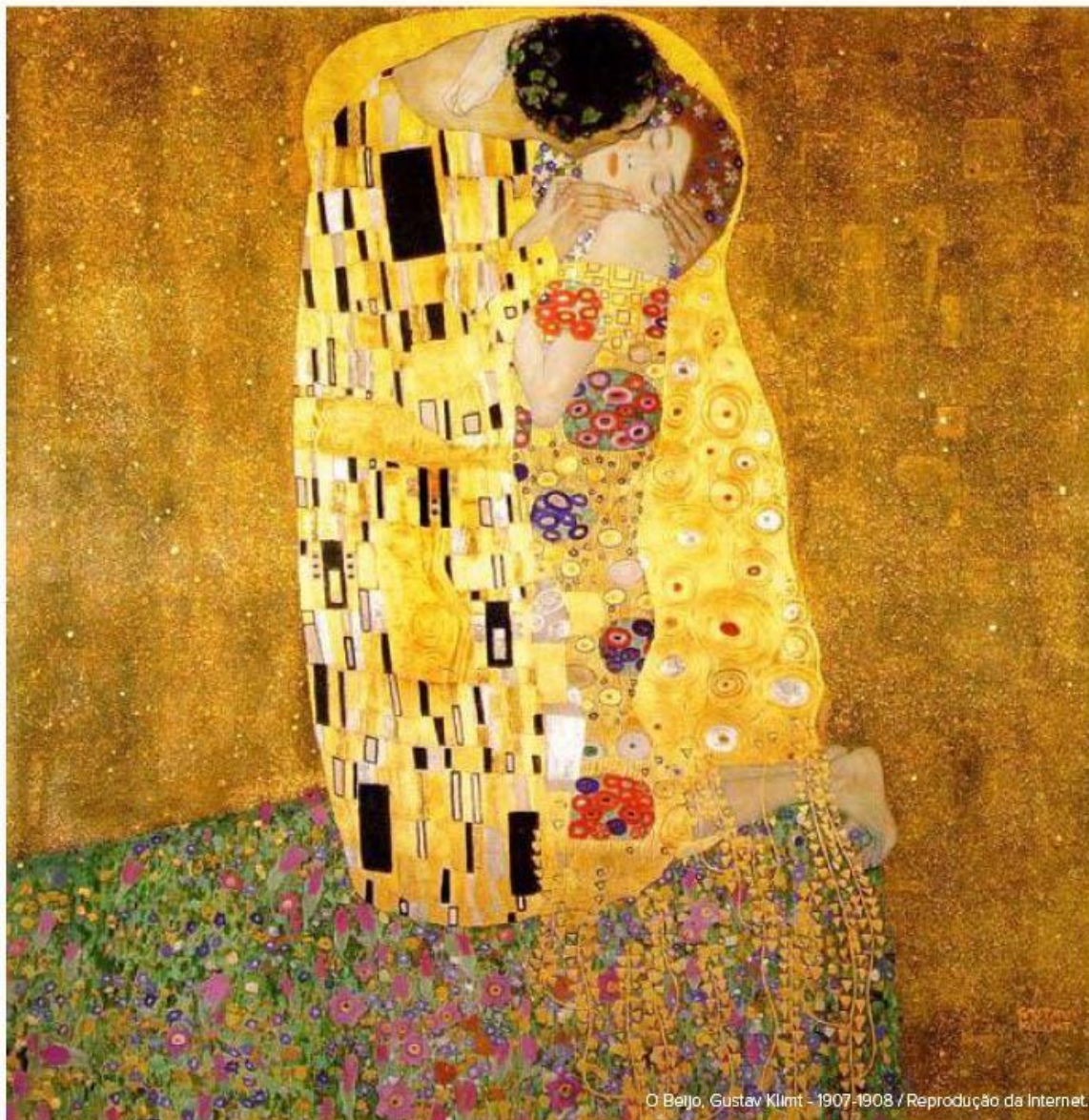
Em outro momento a criança não é mais atendida e é tolhida em seus desejos, e, tendo que atender às exigências do mundo externo, tem seu narcisismo primário frustrado, passa a se confrontar com a realidade, sentindo-se parte do mundo passa a investir libidinalmente nos objetos.

Podemos entender que o autor, nesse texto, apresenta uma articulação entre os esforços do ego e os amos de (re) encontro com o objeto perdido. O encontro com o objeto de amor consiste em um encontro com o objeto específico supervalorizado.

Freud (1914) salienta que o ego precisa ser desenvolvido, não pode existir no sujeito desde o seu começo.

O movimento de fragmentação corporal conduzindo o corpo as suas próprias pulsões parciais autoeróticas, é nomeado por Freud como narcisismo primário. O eu se constitui como reservatório da libido, e é investido de todos os ideais de perfeição parentais. Como em um primeiro momento o eu mais primitivo não diferencia o investimento parental, encontra-se permeado pela plenitude e onipotência por parte do bebê onde suas ordens são prontamente satisfeitas, seus desejos são ordens.

Freud (1914) aborda o amor a partir da escolha de objeto. Dessa perspectiva, o narcisismo é uma condição fundamental para a constituição psíquica do sujeito. Freud fala do amor em duas possibilidades de escolha, a



O Beijo, Gustav Klimt - 1907-1908 / Reprodução da Internet.

narcísica e a anaclítica, ambos ligados ao ideal de reencontro com a plenitude narcísica. Todo ser humano tem dois objetos sexuais: ele mesmo e aqueles que desempenham as funções de alimentação e de proteção. Em função disso, temos duas escolhas: narcísica e anaclítica. Na escolha narcísica, ama-se o que se é, o que se

foi ou o que se gostaria de ser. Aqui, o objeto é amado com a mesma intensidade que outrora o eu do prazer fora amado no autoerotismo. Na escolha anaclítica, ama-se a parte do eu que foi renunciada e transferida para o objeto, fazendo com que o objeto seja revestido das funções materna e paterna: a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Os objetos de amor anaclítico terão como modelo as pessoas que lhe alimentaram, cuidaram e protegeram, em sua infância, ou seja, sua mãe ou cuidadora. Sobressaem nesse tipo de escolha amorosa as pulsões de autoconservação, os objetos amados na vida adulta serão semelhantes as imagens daqueles que se dedicaram a seu cuidado, que se dedicaram a satisfazer suas necessidades primarias. Na escolha anaclítica há um investimento de libido no objeto que representa o ideal narcísico (PAZ, 2009).

Na escolha narcísica o objeto é eleito à imagem do próprio ideal egóico. O sujeito irá amar o objeto que representar aquilo que ele foi no passado, aquilo que ele é, aquilo que gostaria de ser ou parte de si. Tanto na forma narcísica quanto na forma anaclítica a afirmação freudiana mostra que o que possui a excelência que falta para tomar o eu ideal é que será amado. Na escolha narcísica o sujeito busca o seu eu encontrando-o no outro, e na escolha



Narciso, Caravaggio - 1597 / Reprodução da Internet.

anaclítica o sujeito procura novamente o seu trono de majestade ansiando ser cuidado e protegido como o fora na infância supostamente (FREUD, 1914).

Resumidamente, podemos entender que Freud (1914) dispõe as modalidades do amor narcísico e anaclítico de forma que no amor narcísico amamos no outro o que somos, o que fomos, o que gostaríamos de ser ou uma parte de nós mesmos. Enquanto no amor anaclítico, amamos no outro: a mulher que alimenta ou homem que protege.

Segundo Paz (2009) o que Freud realmente procura salientar é o reencontro com o ideal do eu, que as pessoas pensam ser a felicidade absoluta. E o contrário disso, o fato de não ser amado, reduz os sentimentos de autoestima, enquanto que o do ser amado os aumenta. Assim, a satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado. A dependência do objeto amado reduz os sentimentos de autoestima, pois um sujeito que ama priva-se de uma parte de seu narcisismo. Isto pois, a energia libidinal estará dividida entre si e o outro.

Freud (1914) nos aponta para uma espécie de empobrecimento do ego que se dá porque as catexias libidinais lhe são retiradas. Por outro lado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado eleva.

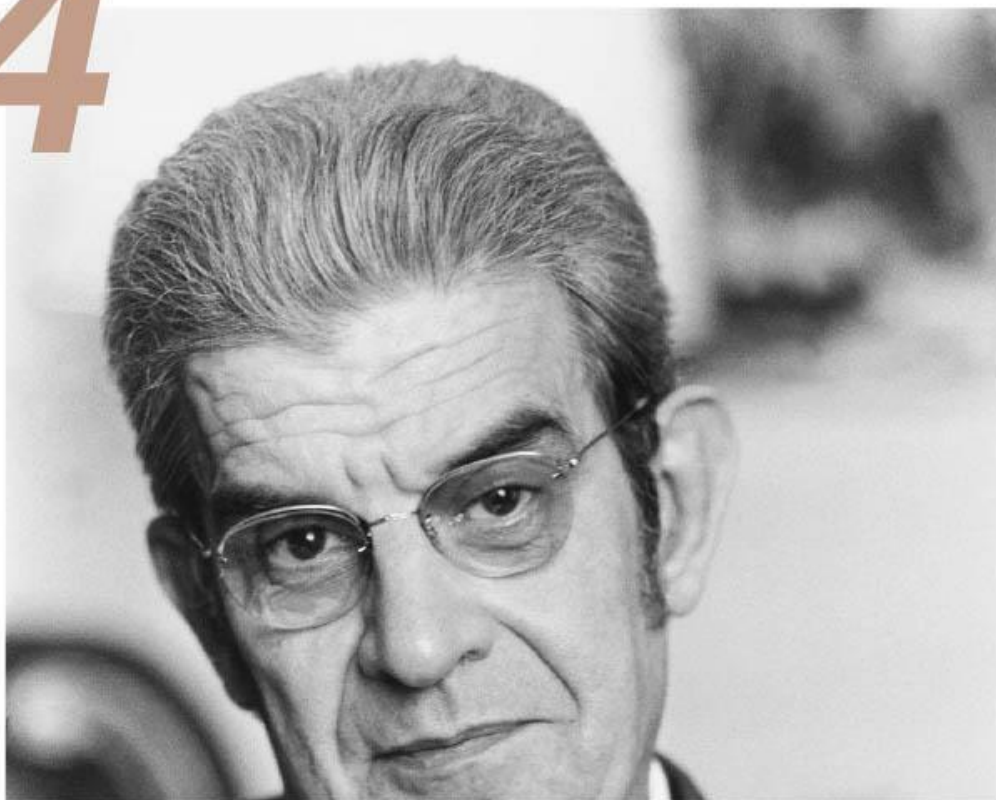
Nesse caso, segundo Kuss (2014) o sujeito tenta a, todo momento, resgatar o seu narcisismo infantil com a intenção de restabelecer-se de sua condição faltante, buscando, assim, atualizar suas relações primárias.

Percebemos que em Freud (1914) o ser humano irá projetar diante de si como seu ideal o substituto do narcisismo perdido na infância, que ele via como sendo seu próprio ideal. Com isso podemos dizer que o amor para o autor é narcísico e movido pela pulsão. Conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente (FREUD, 1915).

No mesmo texto, o autor defende que o amor, mesmo objetal, é sempre descendente de um amor próprio que quando se volta para um objeto será idealizado e dependerá do infantil de cada sujeito. O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto, ocorrendo em virtude da realização das condições infantis para amar (FREUD, 1914).

Nos artigos dedicados à Psicologia do amor, Freud (1910/1912) chama atenção para o fato de que os homens procuram a mãe em suas escolhas objetais, seja como mulher comprometida, prostituta, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras. O autor salienta, ainda, que quando um objeto de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, por uma sucessão de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Para o autor, isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos que, comumente, caracterizam o amor nos adultos.

# 4



## O amor em Lacan



Jacques Lacan - Reprodução da Internet



Ao longo dos anos Lacan lança enuncia- dos sobre o amor. Em 1974, declara que o amor só se escreve graças à uma prolifera- ção de desvios e chicanas, delírio e loucuras que ocupam na vida de cada um, um lugar.

Em 1957 encontramos a fórmula lacania- na do amor "o amor é dar o que não se tem" (p.122), posteriormente completada por alguém que não quer saber disso; em 1960 o amor é um sentimento cômico e em 1973 é introduzido a palavra amódio. Poesias, fórmulas, pintura e mitos marcam que, em Lacan, o amor é um intermediário entre saber e ignorância (ALLOUCH, 2010).

Nesse sentido, Lacan, diferentemente de Freud, não encara o amor de um ponto de vista científico.

Para Lacan o amor está além do narcisís- mo, ele pensa o amor como dom. Um amor com realização somente pelo imaginário não agradava em nada Lacan. Se no registro do narcisismo o objeto investido de libido é algo que ele é e ao mesmo tempo não é, o que o sujeito ama no outro é a si mesmo, o que justifica Lacan dizer que o objeto é ele e não é ele (LACAN, 1956-57).



Jacques Lacan - Reprodução da Internet

Miller (2008) retomando ao aforismo de Lacan, amar é dar o que não se tem, nos diz que amar é reconhecer a falta e doá-la ao outro, colocá-la no outro. Não é dar o que se possui, os bens, os presentes: é dar algo que não se possui, que vai além de si mesmo.

Nesse sentido, a forma como o sujeito se relaciona com o amor diz muito sobre ele. Não se faz outra coisa no discurso analítico a não ser falar do amor. Na paixão a falta não aparece, está recoberta, existe uma sensação de completude. Contudo, isso acontece por um curto período de tempo. A paixão se desfaz, ainda bem, e o laço pode ser formado a partir da falta. A ideia de completude é sempre reforçada no senso comum. Acredita- se que em algum momento da vida alguém será encontrado e completará esse sujeito faltoso e que duas pessoas se tornarão uma. Contudo, Kuss (2014) nos lembra que para a psicanálise acontece justamente o con- trário; não sendo possível a completude do sujeito, visto que o amor não elimina a falta, pois esta faz parte da constituição psíquica do sujeito e é inerente ao ser humano.

Lacan (1956-57) salienta que o amor é uma metáfora, onde encontramos amplos e distintos desdobramentos. A falta é estrutural de todo sujeito, não existe um objeto que dará conta dessa falta, mas existe um engano sobre ele. Chamamos de objeto a o objeto da falta, o objeto perdido e, portanto, causa de desejo. Aqui Lacan

fala do desejo de encontrar um objeto supostamente perdido e que já existiu, e o sujeito fracassa, deixando um vazio.

Lacan no Seminário 4 (1956-57, p. 13) diz, que "é através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura". Ou seja, o sujeito encontra um traço no outro que permite com que ele se identifique com esse traço. Vai se produzir um encobrimento, o amante vai produzir no amado um eclipse entre o objeto a e o ideal de eu.

Não existe encaixe perfeito na humanidade, pois o que nos falta, o outro não tem para oferecer. Lacan exorta que o amor é impotente, mesmo recíproco, tendo em vista que ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, por isso é impossível estabelecer a relação dos dois sexos. O encontro com o outro vai sempre trazer a falta, vai sobrar algo, para Lacan não existe relação sexual (PAGLIARI; SOUZA, 2019).

Nas relações o sujeito volta a infância na relação com o Outro materno, onde quando criança perdeu algo, um gozo que só será possível através de objetos substitutos, que chamamos de objeto pequeno a, ou seja, o resto que não é simbolizável que o sujeito irá buscar no outro, como se ele estivesse de posse desse objeto, vai despertar o seu desejo, e isso transforma o outro em parceiro sexual com capacidade de se tornar um parceiro amoroso (MOREIRA, 2017).

Em 1960, Lacan afirma que o sujeito busca o objeto no outro, mas não encontra. O que se busca é algo que lhe falta e não se tem ideia do que é, o sujeito deseja somente por estar em falta. Busca-se o retorno do objeto perdido. O sujeito vive na tentativa do reencontro de algo seu no outro. O desejo só é possível pela constante insatisfação, o sujeito se lança em novos projetos em busca da satisfação absoluta, que nunca será encontrada, obtendo sempre a satisfação parcial. O sujeito desliza sempre de objeto em objeto infinitamente.

Moreira (1917) acrescenta que o amor tenta sempre preencher a falta com a presença do outro a quem ele considera ser portador do que lhe falta, e com isso se elabora o seguinte: quem eu amo e desejo, o parceiro sexual, detém o outro da pulsão escondido na forma de objeto de desejo.

Lacan no Seminário XX (1975), elabora mais uma vez o conceito de Outro. O Outro como o outro sexo, o Outro gozo, que é um gozo que não se sabe, que vai constituir o Outro barrado. Quando se fala em Outro sexo surge a seguinte dúvida: se a mulher não existe para Lacan, por que se falar em Outro sexo? O que ele nos diz aqui é que não existe significante que estruture a mulher, pois é necessário um significante fálico para estruturação do sujeito. Desde o Complexo de Édipo esse significante é o falo, que estrutura a realidade e o sexo.

O autor salienta que a desproporção entre homens e mulheres em relação a função fálica é uma posição entre ser e ter o falo. A relação entre os sexos se define de fato na relação com a castração, quando ocorre a subjetivação dos sexos, a dialética fálica age ao nível do desejo sexual. O falo é o símbolo e o significante dos dois sexos, o homem se constitui como sujeito a partir dessa relação e dará significado ao seu desejo. A diferença entre homens e mulheres e das relações é estruturada pelo semblante fálico, significante mestre da relação com o sexo.

Lacan (1975) continua exortando que na dialética falocêntrica, a mulher age como sendo o falo e não tendo o falo, ou seja, no amor sua falta se transforma no que ela não tem. Freud vai dizer que a mulher compensa a falta do falo com o amor do homem, Lacan vai além e traduz em ser o falo. Podemos entender, consequente-

*Só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até incluí-lo e fagocitá-lo em torno do corpo do Outro (LACAN, 1964, p. 35).*

Nesse sentido, o gozo de um vai despedaçar o outro, porque o que vai interessar para o homem é apenas uma parte do outro, ou partes. Lacan nos traz o entendimento do caráter fetichista do homem, que ama pedaços da mulher por estar mais próximo do gozo. O gozo fálico é o gozo limitado, mediado pela cultura, vai estar inserido no registro simbólico. Contudo há o gozo Outro, que Lacan vai denominar gozo suplementar ou gozo feminino.

Segundo Miller (2008) em um retorno à Freud, tanto o homem quanto a mulher precisam se assegurarem de sua falta, de sua castração. E isso é essencialmente feminino. Só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza. É por isso que o amor é sempre um pouco cômico em um homem. Porém, se ele se deixa intimidar pelo ridículo, é que, na realidade, não está seguro de sua virilidade.

Lacan afirma que o amor está do lado do infinito do gozo feminino. O amor tem um valor tão alto para mulher que Freud chegou a comparar sua perda com a castração no homem (KUSS, 2014).

Tanto Freud quanto Lacan afirmaram que a identidade sexual não se dá pela anatomia. A subjetividade masculina ou feminina é sempre determinada pela pulsão e pelo inconsciente, sua identidade é definida pela posição subjetiva no discurso, a posição que o sujeito ocupa frente ao significante fálico. A identidade sexual começa sua constituição desde o começo da gravidez, quando já se sabe o sexo do bebê. Se for uma menina não significa apenas que não possuirá um pênis, a cultura a qual o sujeito já nasce inserido diz que meninas são gentis, carinhosas, enigmáticas; ser for um menino que será forte, viril e corajoso, significantes que o Outro vai inserir (LACAN, 1964). Nesse caso, para o autor existe uma assimetria na vida amorosa do sujeito, pois é inegável a diferença entre o masculino e feminino e isso vai refletir no campo amoroso. Para o menino é muito forte a angústia da castração e para menina há sempre uma busca, que se dá pela via do amor, que acalme a dor da falta de um significante que garanta sua feminilidade. Lacan dividi os seres humanos num registro simbólico, falo, e a sexualidade então desloca do corpo infantil para o inconsciente (LACAN, 1964).

Lacan, no seminário XX, afirma que a mulher não existe, uma vez que cada sexo é regido pela lei do falo, e o falo é um representante masculino do sexo no inconsciente, e não há representante feminino, portanto há somente um sexo. O falo para o homem é o representante de sua sexualidade e para mulher não existe representante a qual ela possa identificar-se sexualmente. O homem está todo submetido a regra fálica, a lógica fálica, agora a mulher está parcialmente submetida "a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso" (1975, p.46).

Contudo, Lacan não afirma que a mulher não está submetida a castração, e sim que não está submetida inteiramente. Uma mulher não é toda determinada pelo seu inconsciente. A mulher experimenta o gozo suplementar mesmo sem saber nada sobre ele, ela experimenta (LACAN, 1964). O homem está todo inserido no gozo fálico, contudo alguns podem experimentar o gozo mais além do falo, a estes Lacan chama de místicos. As palavras nunca poderão dizer tudo sobre uma mulher, visto que há algo nela que fica fora do discurso, uma parte ausente que fica fora do discurso simbólico, que não se pode atingir pelas palavras, nesse caso, não há significante que designe a mulher.

Por outro lado, a mulher encontra mais facilidade para o discurso do Amor porque não está submetida a esse gozo fálico e precisa encontrar um destino para esse gozo suplementar. Já aos sujeitos masculinos isso parece ser mais difícil, porque como nos diz Lacan (1975), ainda que uma mulher queira que um homem goze de seu corpo inteiro, elas tendem a gozar de seu próprio órgão, daí os pedidos tão comuns que as mulheres fazem aos homens, para que eles falem de amor.

Nesse sentido, entendemos que para Lacan o homem impõe uma divisão para mulher pelo gozo e a mulher impõe uma divisão ao homem pelo amor. Não sendo possível a reciprocidade, pois cada um, ama de um jeito diferente, mas é possível o encontro entre ambos, os sujeitos; quando acontece de alguém supor que alguém ama o outro e o outro ama esse um.



Vênus e Cupido, Ticiano - 1555 / Reprodução da Internet.

Qual a leitura dessa formulação? A mulher é um sintoma para o homem, como visto anteriormente, o homem coloca a mulher no lugar da sua mãe, simbolizando o objeto materno. Podemos nos interrogar por que o homem não é um sintoma para mulher? Mas algo que consome, pior do que um sintoma, uma devastação. Pode-se pensar a devastação, para a psicanálise, quando o amor feminino tem característica de uma demanda ilimitada, onde o sujeito que se encontra do lado feminino da sexuação experimenta o excesso do gozo, que não cessa de não se escrever, pois não é reduzido ao falo, escapando, assim, à simbolização (LACAN, 1975).

Em resumo, quando o gozo não-todo vem se situar de modo avassalador numa relação na relação amorosa; uma complexa relação com a demanda, um excesso sem medida.

Lacan (1975) descreve duas possibilidades de devastação; na relação entre mãe e filha, tal como Freud (1933) havia sinalizado antes, e nas relações amorosas que uma mulher estabelece com um homem. Souza (2016) nos oferece uma definição relatando que uma mulher devastada tem sua vida afetiva e os laços sociais empobrecidos, restando-lhe um não lugar, visto que não se remete ao desejo do Outro, encontra-se num estado enlouquecido em que as referências se tornam inacessíveis.

No texto *Televisão* (1974, p.538), Lacan afirma sobre as mulheres: "não há limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens". Essa citação é importante para discutirmos e analisarmos as concessões que Emma Bovary fez em nome do amor.

O amor é muito importante para a mulher e a perda deste pode ter como consequência a devastação, no qual a mulher não metaforiza a falta, ela permanece no registro da demanda, levando-a a um sofrimento da ordem do insuportável. A demanda de amor do lado feminino se deve ao fato de seu gozo não-todo não proporcionar um limite ao seu ser (MILLER, 1998). Lacan, assim nos traz, que o "amor sempre demanda mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor" (1975, p.12).

Nesse sentido a devastação está presente quando o sujeito se coloca na posição de se oferecer em demasia ao parceiro amoroso, oferece a libra de carne, termo muito interessante, que recorremos ao seminário 10 de Lacan (1962), retratando a metáfora que o autor retira de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, para explicar que o pagamento da dívida deveria ser realizado com uma libra de carne; associação que podemos fazer com o valor que a mulher paga com o corpo, e porque não dizer com a vida, como veremos no caso de Emma Bovary.

Podemos pensar a devastação como a queda das máscaras, a queda da representação deste homem para esta mulher; é um sofrimento com estrutura abismal.



Júpiter e Antópe, Carl van Loo - 1753 - Reprodução da Internet

**“Amor sempre demanda mais...ainda. Mais, ainda, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor”**

Jacques Lacan

# LEITURAS RECOMENDADAS

BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FERREIRA, Nádya P. *A Teoria do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a histeria*. (1893). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 2).

\_\_\_\_\_. (1905). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12).

\_\_\_\_\_. (1906/1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

\_\_\_\_\_. (1912). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

\_\_\_\_\_. (1912). *Tipos de desencadeamento da neurose*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.

\_\_\_\_\_. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.

\_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14.

\_\_\_\_\_. (1925). *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.20.

\_\_\_\_\_. (1929). *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 17

\_\_\_\_\_. (1933). *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22.

KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor, Desejo e Psicanálise*. Jurua Editora. Curitiba. 2014.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 8: a transferência [1960-1961] 2. ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 10: a angústia [1962-1963] 2. ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. [1964]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. *Televisão*. In: *Outros Escritos*. [1974]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-549, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda. [1975]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma. [1975-76]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, Jaques Allan. *Entrevista concedida a Hanna Waar*. *Psychologies Magazine*. N° 278; Out 2008. Trad. Maria do Carmo Dias Batista.

\_\_\_\_\_. *O osso de uma análise*. *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, Biblioteca - agente*, 1998

NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

## MATERIAIS RECOMENDADOS

*Vídeo sobre O Amor e seus discursos Ana Suy Sesarino Kuss*  
<https://www.youtube.com/watch?v=ITBmTQxwn4w>

*Vídeo sobre Bate papo com Ana Suy e Malvine Zalcberg - Feminilidade: entre Psicanálise e Poesia*  
[https://www.youtube.com/watch?v=r\\_veHawLnVc](https://www.youtube.com/watch?v=r_veHawLnVc)

## ATIVIDADES PROPOSTAS

- 1 - Leia o texto e participe da discussão sobre o conceito de amor para psicanálise freudiana e lacaniana.
- 2 - O texto fornece a estruturação do pensamento de Freud e de Lacan acerca do amor. Escolha um dos três e disserte sobre o pensamento dos psicanalistas, apontando os encontros e as divergências da teoria freudiana e lacaniana.

## AVALIAÇÃO

*A partir das atividades propostas, escreva um pequeno ensaio sobre o tema do feminino em Freud e em Lacan.*

# 5



MÓDULO III  
O AMOR EM  
**MADAME BOVARY**



O ano de 1856 é uma data de grande importância e simbolismo. Gustave Flaubert publica seu livro *Madame Bovary* e é o ano do nascimento de Freud.

O primeiro denuncia a insatisfação de Emma Bovary e o segundo, mais tarde, criaria a psicanálise a partir da escuta feminina. Freud começa a escutar o discurso da histérica que até então era associado a caprichos femininos ligados à sua sexualidade, que seria um ser autônomo que levaria as mulheres a loucura.

Quando Freud começa a delinear a psicanálise essa já estava desenhada e publicada no livro de Gustave; reiterando o que Freud dizia, o saber das artes está muito além do seu tempo. Freud deu voz ao sofrimento da histérica, contra um mundo que ignorava as mulheres, anunciou a insatisfação feminina e de como o corpo vira palco para dramatizar suas queixas e ressentimentos (AGRA, 2015).

Flaubert no início do seu livro nos apresenta Charles, o marido de Emma, evidenciando a fragilidade de sua figura. Charles Bovary é um homem muito pacato, sem sonhos, sem objetivos, incompetente.

Charles é fruto de um casamento conturbado. Flaubert o descreve como alguém que tem dificuldades com as atividades escolares. Quando sai para estudar medicina, toma gosto pela vida boemia. Somado às suas dificuldades acadêmicas, acaba por ser reprovado no exame para oficial de saúde. Após um tempo, faz nova prova, decorando todas as questões, e é aprovado mediocrementemente.

Charles tem uma carreira média, sem ambição, e se casa por conveniência com uma viúva mais velha que ele. Uma mulher controladora e dona de algumas posses. Com a morte da primeira mulher, ele está livre para se casar novamente, e encontra uma mulher bela chamada Emma Rouault.

O pai de Emma, mesmo sendo um homem com instrução limitada, no dia do casamento da filha considera o noivo mais franzino, sem atitude. Após o casamento, o livro de Flaubert inicia a grande narrativa sobre Emma, dando toda a visibilidade à personagem. Emma era uma jovem camponesa, educada em um convento com a

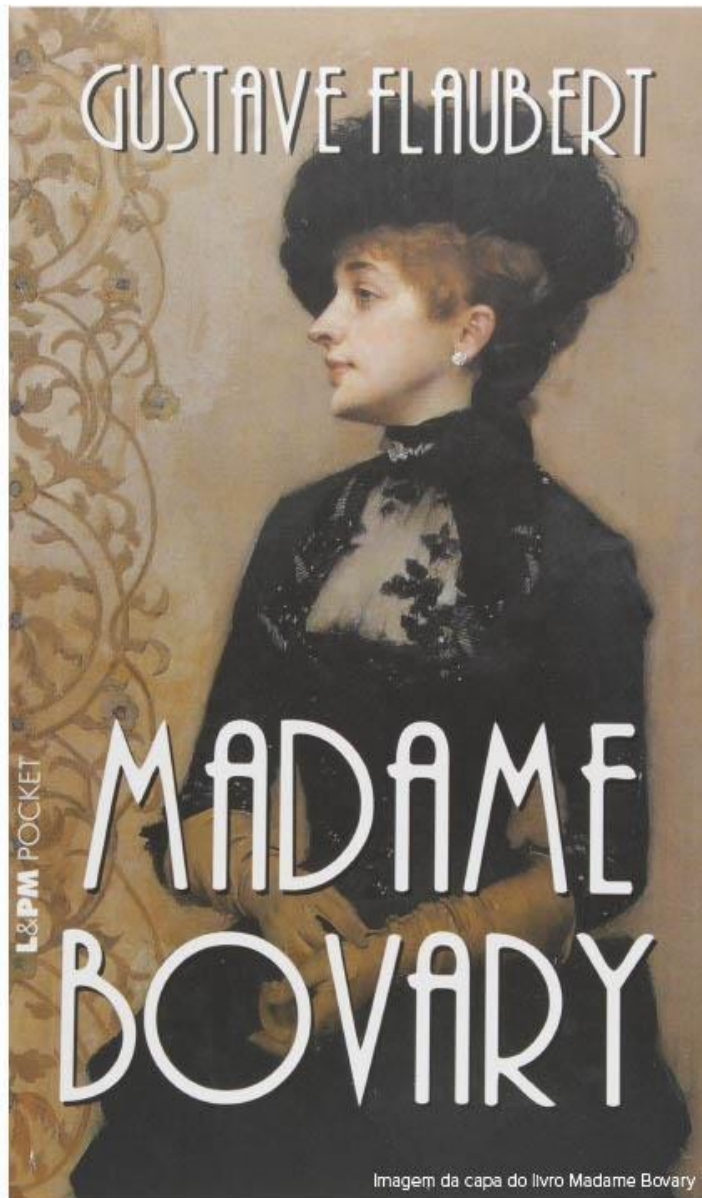


Imagem da capa do livro *Madame Bovary*

cabeça cheia de fantasias românticas e ideias. Para ocupar seu tempo alimentava sua alma de muitos romances, assim idealizava um amor perfeito, como nos livros que lia. Esperando uma vida cheia de riquezas, Emma está disposta a fazer qualquer coisa para sair da fazenda do seu pai. Ela e Charles acabam se casando, depois de curto noivado. O casal vai morar em uma cidade pequena chamada Tostes, onde Charles começa a trabalhar timidamente em seu ofício de médico. O desejo de Emma era casar-se e ao aceitar a proposta de Charles, o médico, não demonstra grande entusiasmo, mas tampouco mostra contrariedade. O excêntrico desejo de Emma é casar-se “à meia-noite sob a luz de velas” (FLAUBERT, 1856, p. 103).

*Antes de casar, ela achava ter amor; mas não tendo chegado a felicidade que deveria resultar desse amor, era preciso que ela tivesse se enganado, pensava. E Emma buscava saber exatamente se entendia na vida pelas palavras felicidade, paixão e embriagues, que lhe tinham parecido tão belas nos livros (FLAUBERT, 1856, p. 114).*

Pouco tempo depois, porém, Emma está entediada, cansada de Charles e deprimida. Assim, frustrações de Emma não demoram muito a aparecer. No início o casamento era sem dúvida uma lua de mel, os dias mais belos. Contudo, Emma só conhece os romances para balizar o casamento, o nível amoroso ao qual ela está inserida, e Charles passa a ser os motivos de suas decepções. Emma se enganara com o homem a qual casara, ele não era “nem mais amoroso nem mais envolvido” (FLAUBERT, 1856, p. 125). Charles não tinha grandes ambições, apesar de ser gentil e atencioso com a esposa. Emma vivia em um mundo de poesias e romantismo, Charles possuía os desejos mais simples e modestos.

*Quanto a Emma, não se interrogava para saber se o amava. O amor, acreditava ela, devia estar de repente, com grandes brilhos e fulgurações – tufão do céu que cai sobre a vida, revira-a, arranca as vontades como folhas e carrega para o abismo o coração inteiro (FLAUBERT, 1856, p.192)*

O casal assiste a um baile dado no castelo do marques D’Andervilliers, um aristocrata local, e Emma fica deslumbrada com o estilo de vida opulento, que ela tanto deseja. Passa a observar que os convidados estão muito bem vestidos, a comida servida é magnífica e a dança contagiante. Seu desejo pela vida dos romances da época do convento reacende de imediato. A medida que come a deliciosa comida, valsa a música contagiante e prova as bebidas sofisticadas, sente-se pertencente a burguesia e mais distante de Charles.

Depois do baile ela passa a pensar que sua vida seria muito diferente se ela estivesse casada com um marques ou até mesmo um Visconde. Emma sabia não ser possível tal coisa e faz a única coisa viável, tentar incluir em seu cotidiano a vida de fantasia que viveu naquela noite, e passa a comprar revistas, objetos caros que considera refinado e o desejo incessante de ir a Paris (AGRA, 2014).

O tempo passa e Emma se depara com sua realidade tão distante do Castelo do marquês, que ela não aceita sua condição provinciana e vai consumindo cada vez mais objetos caros que a deixem mais próxima desse mundo de fantasia aristocrata. Emma não sente mais prazer em fazer nada do seu cotidiano, não toca mais o piano, não borda, não cuida da casa e nem tampouco cuida de sua aparência.

Emma adocece e após Charles levar-lhe para uma consulta com seu antigo mestre e constatar que se tratava de uma doença dos nervos é orientado a mudar de ares (NOBRE, 2007, p. 57). O jovem casal muda-se para uma cidade um pouco maior, Yonville-l’Abbaye, na tentativa de fazê-la se sentir melhor. Contudo, a estreita rotina continua.

Emma chega na cidade grávida e é convidada pelo farmacêutico Homais para um jantar. Lá ela conhece León, um jovem escrevente com quem mantém uma conversa agradável. León vive com a família do Monsieur Homais. Emma desejava estar grávida de um menino que se chamaria Jorge. Contudo, ao dar à luz, Emma se decepciona por ter gerado uma menina e a rejeita o tempo todo (FLAUBERT, 1856).

Depois de Emma ter o bebê, a relação entre ela e León cresce ainda mais. Os dois percebem que estão apaixonados, mas ambos são muito tímidos para fazer algo sobre isso.

Quando León cansado de amar sem resultado vai embora para uma cidade maior a fim de retomar os estudos, Emma fica ainda mais triste e cabisbaixa, pois perdera a chance de compor sua nova personagem; agora não tem mais com quem sonhar, não tem mais a quem seduzir. Ela se volta para afazeres como aprender italiano, comprar objetos para casa e vestidos novos e caros, entretanto, nada disso foi satisfatório e cai novamente deprimida.

Um fato novo e excitante acontece novamente na vida de Emma, a visita de Rodolphe em sua casa. Rodolphe é um homem muito diferente de seu marido, mora em um castelo nos arredores da cidade, é inteligente e perspicaz e possui um vasto conhecimento do campo feminino. Rodolphe é um sedutor hábil, experiente. Emma é bonita e Rodolphe decide seduzi-la e começa a criar situações em que possa galantear essa mulher. Primeiro Rodolphe se faz de coitado, de quem precisa de conforto e de ser cuidado. Começa assim a despertar os desejos de Emma. Rodolphe arquiteta um plano minucioso e se ausenta estrategicamente por algum tempo. Volta a visitar Emma e lhe propõe um passeio a cavalo, onde até mesmo seu marido a incentiva ir. No passeio Emma fica ainda mais vulnerável diante do discurso galanteador de Rodolphe e não resiste a seus encantos se entregando a ele.

Nesse entremeio Emma recebe uma carta do pai supondo que ela estivesse feliz e realizada e que as finanças da família estavam prosperando. Ela começa a perceber o quanto sua vida não condiz com sua realidade, entretanto, a realidade poderia mudar quando o farmacêutico da cidade oferece ao seu marido um caso de cirurgia de um trabalhador humilde (FLAUBERT, 1856).

O médico realiza a cirurgia devido à grande influência da esposa e fracassa no processo e a perna do paciente precisa ser amputada por um outro médico de uma cidade vizinha. Mais uma vez Emma se frustra com o marido e com a vida que leva, lamenta pela vida de luxo que não possui e por todos os desejos da qual é sempre privada (FLAUBERT, 1856).

Emma começa a fazer empréstimos enormes a partir de um comerciante local, o que a faz entrar em dívida. No entanto, Emma parece não se importar. Emma está apaixonada por Rodolphe e é só com isso que se importa. Emma se volta para o amante mais desejosa do que nunca. Eles têm uma relação tumultuada por dois anos, mas finalmente chega a um momento em que Rodolphe está entediado com o romantismo de Emma. Esta, em uma ocasião, chega a pedi-lo para que fugisse com ela e, sem considerar que não era esse o desejo de Rodolphe, começa a fantasiar que isso seria sua salvação de sua vida medíocre e provinciana. Rodolphe, contudo, não deixa claro seus objetivos e deixa que ela fantasie a fuga. No dia escolhido para tal ato, despede-se de Emma com uma carta em que diz preferir sacrificar seu amor do que desgraçar a vida dela com a fuga planejada. Parte sozinho. Emma recebe a carta de Rodolphe através de seus empregados, o choque é violento, e em seguida cai convulsionando, sustentando assim seu desejo fantasioso até o último momento. Flaubert mais uma vez narra que ela desmaia, grita, fica pálida e anoréxica como as mocinhas dos livros quando perdem o amante (AGRA, 2014).

Emma transtornada, têm uma piora em sua saúde rapidamente. Charles, sem saber o que fazer, prescreve medicamento que são inúteis para Emma.

As fianças da família Bovary pioram cada vez mais, e Charles é forçado a tomar mais empréstimos.

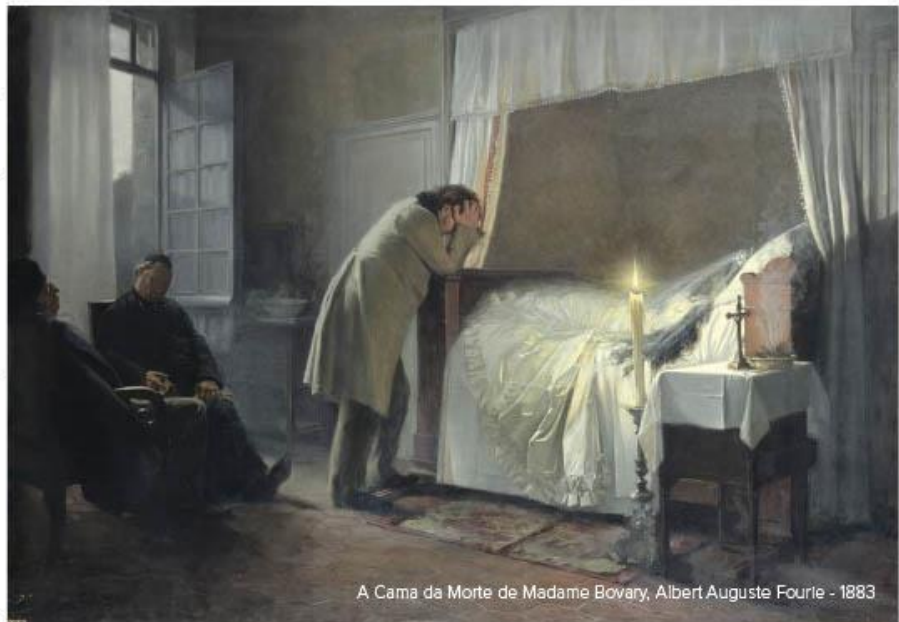
Emma se recupera lentamente, e como parte do tratamento Monsieur Homais sugere que Charles leve Emma até a ópera em Reuen, a cidade mais próxima. No intervalo Emma reencontra Léon, que terminou a faculdade de Direito e se mudou para Rouen. Ele se tornou mais despojado e extrovertido e não tem mais medo de se envolver com Emma.

Emma fica na cidade com o pretexto de assistir a segunda parte da apresentação, Charles retorna à cidade para atender seus pacientes. Léon agora mais experiente, quando fica sozinho com Madame Bovary, decide se declarar, e esse sentimento leva Emma a pensar que depois de tantos anos ela estaria mais experiente, seria uma conhecedora do amor. Eles têm um caso e a relação cresce. Emma, cada vez mais habilidosa em mentir, descobre diferentes motivos para visitar a cidade e ver seu amante.

Depois de um tempo este caso começa a esfriar, Emma tem dívidas cada vez maiores. As dívidas de Emma são transferidas para um novo comerciante a quem ela não consegue mais enganar, e começa a buscar meios de quitá-las. Ela recorre a tudo e a todos, tentando pedir o dinheiro. A resposta que ouve é "não". Sem meios para fazer isso pede ao amante Léon que fure o cartório a fim de quitar a dívida, este, porém afasta-se dela, por não ter obrigação de marido. Procura ainda o tabelião, sem sucesso também. Por fim, vai atrás de Rodolphe que deveria ser o seu salvador e este a rejeita.

Emma fica desesperada e tem medo de dizer a Charles. Completamente desamparada, Emma se envenena com arsênio roubado da farmácia de Homais. Ela morre, de uma forma lenta e horrível, pois sente muita dor, com seus amigos e família fitando-a, uma cena de horror.

Após a morte de Emma, as coisas pioram ainda mais para Charles e Berthe, a filha do casal. Eles ficam completa-



A Cama da Morte de Madame Bovary, Albert Auguste Fourle - 1883

mente sem dinheiro, e Charles, sofrendo a dor pela morte da amada, recusa-se a vender alguns dos pertences de Emma. Charles morre pobre e solitário, sentado no banco de sua casa que antes era ponto de encontro de Emma e seu amante. Berthe é enviada para viver com sua avó, que morre também. Por fim ela acaba morando com uma tia pobre, e, ainda criança, trabalhando como operária em uma fábrica de algodão.

# 6

## REFERÊNCIAS

- AGRA, Ana Maria. *Madame Bovary: uma morte de gênero*. Revista *Ártemis*, Vol. XIX; jan-julho 2015, pp. 82-89.
- ALLOUCH, Jean. *O amor Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010. 528 p.
- ALVES, C. S.; CASTELO, R. C. A. *Captura Amorosa: um dizer sobre o amor em Psicanálise*. CES Revista, Juiz de Fora, v. 30, n. 2. p. 101-118, ago./dez 2016.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*: Editora Liber Livros: Brasília, 2008. 68 p.
- BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução de Hortência dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CAMPOS, M. G. *'Vida – Obra Literária': Entrelaçamentos uma Leitura Psicanalítica*. 2013. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2013.
- FERREIRA, Camilla M. R. *O amor dito por uma mulher – a transmissão de Diotima a Sócrates*. Trivium: Estudos Interdisciplinares. Ano IX, 2017, Ed. 1, p. 184-191.
- FERREIRA, Nádya P. *A Teoria do amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FLANZER, S. N. *Incidências da impossibilidade na esfera do amor*. 2004. 205f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- FLAUBERT, Gustave (1857). *Madame Bovary*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Penguin Classics Companhia da Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- \_\_\_\_\_. (1893) *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.II.
- \_\_\_\_\_. (1905) *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1906/1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.
- \_\_\_\_\_. (1912). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições para psicologia do amor II)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.
- \_\_\_\_\_. (1912). *Tipos de desencadeamento da neurose*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.
- \_\_\_\_\_. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.
- \_\_\_\_\_. *O mal estar na civilização*. In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos*. (1929). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1933) *Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- GIL, Carlos Antonio. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

# REFERÊNCIAS

- KEHL, M.R. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor, Desejo e Psicanálise*. Juruá Editora. Curitiba, 2014.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 8: a transferência [1960-1961] 2. ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 10: a angústia [1962-1963] 2. ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. [1964]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Televisão*. In: *Outros Escritos*. [1974]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 508-549, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda. [1975]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Seminário, Livro 23: o sintoma. [1975-76]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LOPES, Maria Madalena de Freitas. *O conceito de Amor em Psicanálise*. São Paulo: Centauro, 2009.
- MANNONI, O. (1994). *Freud: uma biografia ilustrada*. (M. L. X.A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- MILLER, Jaques Allan. *Entrevista concedida a Hanna Waar*. *Psychologies Magazine*. N° 278; Out 2008. Trad: Maria do Carmo Dias Batista.
- \_\_\_\_\_. *O osso de uma análise*. *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Bahia, Biblioteca – agente*, 1998.
- MOREIRA, A. S. *As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o amor o desejo e o gozo*. Vitória: UFES, 2017.
- NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NOBRE, Thalita Lacerda. *Madame Bovary e a histeria: uma leitura psicanalítica*. São Paulo, 2007.
- PAGLIARI, D; SOUZA, T. M., *O amor e seus desdobramentos*. Unijui, Rio Grande do Sul, 2019.
- PAZ Beatriz Coelho. *Freud e o amor: do ideal ao impossível – Um diálogo entre psicanálise e Romantismo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2009.
- PLATÃO. *O banquete*. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.
- SOUZA, Danuza Effegem. *A Devastação e sua Relação com o Irrepresentável no Corpo Feminino: algumas considerações no laço Psicanálise e Literatura*. *Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense*. Niterói. p.114. 2016.
- SOUZA, Olga Maria. M. C. *A Psicanálise e as Letras*. In: MORAES, Alexandre. (Org.) *Modernidades e Pós Modernidades: literatura em dois tempos*. UFES. Vitória. 2002.
- YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Campus/Elsevier, 2007.